

ESTÍMULO DA COORDENAÇÃO MOTORA FINA EM ANOS INICIAIS ATRAVÉS DE OFICINA COM MATERIAIS RECICLÁVEIS

Edvaldo Ribeiro da Cruz ¹
Simone Varela ²
Núbia Barbosa de Lima ³
Damiana da Silva Santos ⁴

RESUMO

Este artigo relata as experiências desenvolvidas na Escola Estadual Rotary, localizada na cidade de Maceió/AL, durante a atuação dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

(PIBID), matriculados no curso de Pedagogia, na modalidade à distância (EAD), do Instituto Federal de Alagoas. A vivência ocorreu com alunos(as) das turmas dos anos iniciais do ensino fundamental e, a partir dela, houve o planejamento e o desenvolvimento da oficina com materiais recicláveis. O objetivo geral constituiu-se em estimular o desenvolvimento da coordenação motora fina das crianças e contribuir para a ampliação da consciência ambiental delas. Esta oficina pedagógica foi fundamentada na integração entre a psicomotricidade (Le Boulch, 1987), para o desenvolvimento de atividades manuais; a Educação Ambiental (Gadotti, 2000), para a promoção da sustentabilidade; e a metodologia colaborativa (Vygotsky, 2007), que orientou a aprendizagem pela experimentação. A prática consistiu em uma oficina de confecção de porta-lápis com materiais recicláveis (rolos de papelão e tampas plásticas). Os principais resultados observados indicam que, durante a atividade, as crianças puderam: recortar, colar, montar e decorar os objetos, exercitando habilidades motoras essenciais para a escrita; fortalecer os vínculos através das atividades em grupos colaborativos; ao mesmo tempo em que puderam refletir sobre a relevância da preservação e manutenção do meio ambiente. Essa prática demonstrou relevância ao permitir o desenvolvimento da práxis pedagógica, por meio da vivência da realidade escolar e da aplicação de conhecimentos apreendidos ao longo da graduação, além de proporcionar uma experiência significativa para as crianças, integrando o aprendizado, a criatividade e a sustentabilidade.

Palavras-chave: Coordenação Motora, Materiais Recicláveis, Pedagogia, PIBID, Preservação Ambiental.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a intersecção entre o desenvolvimento psicomotor infantil e a educação para a sustentabilidade, temas centrais na formação integral dos alunos. A pesquisa

1 Graduando do Curso de Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, erc4@aluno.ifal.edu.br;

2 Doutorado em Educação pela Universidade Tiradentes de Sergipe – UNIT, docente do Instituto Federal de Educação de Alagoas, Ifal – Campus Maceió simone.varela@ifal.edu.br;

3 Graduando do Curso de Pedagogia da Instituto Federal de Alagoas - IFAL, nbl1@aluno.ifal.edu.br ;

4 Graduando do Curso de Pedagogia da Instituto Federal de Alagoas - IFAL, dss106@aluno.ifal.edu.br.

parte da problemática de que muitas atividades curriculares para o estímulo da coordenação motora fina se limitam a exercícios repetitivos e descontextualizados, falhando em engajar as crianças em questões contemporâneas relevantes. Para tratar dessa questão, foi desenvolvida uma oficina pedagógica com materiais recicláveis, realizada com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. O objetivo central do trabalho consistiu em estimular habilidades motoras essenciais de forma lúdica e prática, ao mesmo tempo em que se promovia a ampliação da consciência ambiental. Nesse contexto, a habilidade central trabalhada pela oficina merece destaque.

A coordenação motora fina é uma habilidade fundamental no desenvolvimento infantil, essencial para atividades cotidianas e, em particular, para o processo de alfabetização e escrita. Ela envolve a sincronia entre a visão e os movimentos das mãos, permitindo que a criança execute tarefas precisas, como segurar um lápis, usar um teclado, manusear objetos pequenos ou, em um contexto mais amplo, amarrar os sapatos e abotoar uma camisa. Aprimorar essa habilidade nas fases iniciais do desenvolvimento é crucial para a autonomia da criança e para o seu sucesso acadêmico, mas muitas vezes as atividades curriculares se limitam a exercícios repetitivos e descontextualizados no ambiente escolar, carecendo de um propósito mais amplo e engajador. Essa carência de abordagens pedagógicas inovadoras pode resultar em uma desconexão entre o conhecimento teórico e a aplicação prática, comprometendo o desenvolvimento integral dos alunos. É precisamente para preencher essa lacuna de significado e oferecer um propósito engajador que a articulação com temas transversais se torna uma ferramenta pedagógica poderosa.

Paralelamente, a Educação Ambiental emergiu como um tema urgente e necessário na formação cidadã, uma percepção intensificada pela crise climática global, que exige uma abordagem crítica e emancipatória (Loureiro, 2004). O desenvolvimento de uma consciência crítica e de atitudes proativas em relação ao meio ambiente não deve se restringir ao aprendizado teórico. Pelo contrário, a escola deve se tornar um espaço de reflexão e ação, onde a educação para a sustentabilidade seja vivenciada na prática. A urgência de formar cidadãos conscientes e engajados em uma sociedade que enfrenta desafios ambientais complexos e sistêmicos torna a educação ambiental uma prioridade que deve permear todo o currículo escolar. A vivência e a experiência, nesse sentido, são ferramentas pedagógicas poderosas, capazes de transformar a relação do aluno com o meio ambiente e com a



comunidade em que vivem. No entanto, para que essa abordagem vivencial se torne realidade nas escolas, é preciso enfrentar um dos maiores obstáculos da educação brasileira: a desarticulação entre teoria e prática, uma lacuna historicamente identificada na formação docente (Candau; Lelis, 1986), tem sido um dos principais desafios para a educação brasileira. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) surge como uma política pública fundamental para mitigar esse problema. Ele oferece a estudantes de licenciatura a oportunidade de vivenciar a realidade escolar, aplicar conhecimentos teóricos em um contexto real e, assim, desenvolver a práxis pedagógica. Essa imersão não apenas fortalece a formação dos futuros professores, mas também dinamiza as escolas, introduzindo novas metodologias e projetos que beneficiam diretamente os alunos.

Nesse contexto, este artigo apresenta um relato de experiência sobre o desenvolvimento de uma oficina com materiais recicláveis, realizada na Escola Estadual Rotary, em Maceió, Alagoas. A pesquisa se justifica pela necessidade de abordagens inovadoras na educação que, além de atenderem a objetivos pedagógicos, contribuam para a formação de cidadãos conscientes e engajados com a sustentabilidade. A oficina foi concebida para estimular a coordenação motora fina e contribuir para a ampliação da consciência ambiental dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. O projeto, executado por bolsistas do PIBID, destaca o potencial da integração entre a teoria e a prática na formação de professores, e a relevância da extensão universitária como ferramenta de transformação social.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: a primeira seção explora a fundamentação da prática na interseção entre a psicomotricidade (Le Boulch, 1987), a Educação Ambiental (Gadotti, 2000) e a Teoria Sócio-histórica (Vygotsky, 2007). A segunda seção apresenta a abordagem qualitativa da pesquisa e detalha os procedimentos realizados na oficina. Na terceira seção são expostos e analisados os principais achados da experiência, como o desenvolvimento da coordenação motora e a reflexão sobre a sustentabilidade. Por fim, sintetizamos a relevância do trabalho e apontamos suas limitações e sugerimos futuras pesquisas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica desta pesquisa se edifica sobre a interseção de três eixos conceituais, cuja confluência confere solidez e originalidade à prática pedagógica da oficina.

A abordagem integrada busca superar a compartmentalização do conhecimento, propondo uma formação holística da criança que une o desenvolvimento psicomotor, a construção social da aprendizagem e a emergência da consciência ambiental. A riqueza dessa interconexão reside na capacidade de cada teoria potencializar as outras, criando um arcabouço pedagógico robusto e coerente, capaz de dar sentido e propósito a cada ação educativa.

A primeira vertente, central para a compreensão do corpo e do movimento no processo de aprendizagem, é a psicomotricidade, com base nos estudos de Jean Le Boulch (1987). Para o autor, o movimento não é um simples ato mecânico, mas a manifestação da nossa organização interna, a expressão de uma complexa interdependência entre as dimensões cognitiva, afetiva e motora do ser humano. Le Boulch (1987), em sua obra "Educação Psicomotora", vai além da mera reeducação de déficits, propondo a "psicocinética" como a ciência que utiliza o movimento para a formação integral da pessoa. Ele argumenta que o desenvolvimento da coordenação motora fina, a capacidade de realizar movimentos precisos e delicados com as mãos e os dedos, é crucial para a maturação neurológica. A destreza manual, exercitada na manipulação da tesoura e na colagem, não é um fim em si mesma, mas um meio de organizar o pensamento, de desenvolver a percepção espacial e de preparar a criança para desafios futuros, como o domínio da escrita. A oficina, ao exigir essa precisão, atua diretamente no aprimoramento dessas habilidades, fortalecendo a conexão entre a ação corporal e o desenvolvimento cognitivo. O manuseio de materiais de diferentes texturas e a necessidade de realizar cortes e colagens com precisão não apenas desafiam a criança a aprimorar seu controle motor, mas também aprimoram sua percepção sensorial, ampliando as bases para o aprendizado de forma significativa.

O segundo pilar teórico se concentra na Educação Ambiental, conforme os princípios delineados por Moacir Gadotti (2000). Em "Perspectivas Atuais da Educação", o autor defende uma educação que transcenda a transmissão de informações e se comprometa com a formação de uma consciência ecológica crítica. Gadotti (2000) argumenta que a escola deve ser um espaço de "ecopedagogia", onde o aprendizado sobre o meio ambiente seja indissociável da prática. Para ele, não basta saber que a reciclagem é importante; é preciso "aprender a fazer", agindo de forma consciente. A oficina, ao transformar resíduos sólidos em novos objetos, materializa essa filosofia. Ela oferece às crianças a experiência concreta da reutilização, demonstrando que a criatividade e a sustentabilidade caminham juntas. O ato de

dar uma nova vida a um material descartado gera uma compreensão profunda sobre o ciclo da vida, a escassez de recursos e a importância de ações individuais na preservação do planeta. Gadotti (2000) propõe uma educação para a sustentabilidade, que integra o conhecimento científico, a ética e a cidadania, e a oficina se alinha perfeitamente com essa visão, pois promove a reflexão, a ação e a responsabilidade social em relação ao meio ambiente.

Por fim, o terceiro alicerce teórico é a metodologia colaborativa, cuja fundamentação transcende um único autor. As bases dessa abordagem podem ser rastreadas até o movimento da Escola Nova, no início do século XX, com pensadores como John Dewey (2007), que defendia uma educação ativa e centrada na cooperação como preparo para a vida em sociedade. Essa perspectiva foi aprofundada pela psicologia do desenvolvimento. Jean Piaget (1990), com sua teoria construtivista, já reconhecia a importância da interação social e do debate de ideias em grupo, o chamado conflito cognitivo, como um motor para a construção do conhecimento e a superação do egocentrismo infantil. Contudo, foi Lev Vygotsky (2007) quem posicionou a colaboração como o elemento central do processo de aprendizagem. Em sua obra seminal "A Formação Social da Mente", Vygotsky (2007) postula que o aprendizado não é um processo individual, mas um fenômeno social e culturalmente mediado, no qual a interação com o outro (sejam pares mais experientes ou mediadores) é a força motriz que impulsiona o

desenvolvimento cognitivo.

O trabalho em grupo na oficina criou um ambiente ideal para a manifestação da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), um conceito-chave de Vygotsky (2007). A ZDP refere-se à distância entre o que a criança pode fazer sozinha e o que ela pode realizar com o auxílio de um mediador. Na oficina, os bolsistas do PIBID e as crianças mais habilidosas atuaram como mediadores, auxiliando os colegas a superar desafios e a internalizar novas habilidades. A colaboração não apenas facilitou a conclusão das tarefas, mas também fortaleceu os laços sociais, promoveu o respeito mútuo e desenvolveu a capacidade de comunicação e negociação entre os alunos, que, juntos, resolveram problemas e expressaram suas ideias. A troca de saberes e a co-construção de soluções tornaram a experiência mais rica e significativa para todos os participantes.

O entrelaçamento dessas três teorias, embora distintas, foi a chave para o sucesso pedagógico da oficina. A psicomotricidade de Le Boulch (1987) forneceu a base para o

desenvolvimento das habilidades motoras essenciais. A ecopedagogia de Gadotti (2000) deu um propósito maior, uma dimensão ética e ambiental à atividade. E a metodologia colaborativa de Vygotsky (2007) ofereceu o arcabouço para que a aprendizagem ocorresse em um ambiente de troca, cooperação e desenvolvimento mútuo. Essa interseção teórico-prática é o grande diferencial do projeto, demonstrando que o desenvolvimento infantil pode ser estimulado de forma integrada, superando a fragmentação do currículo tradicional e promovendo uma educação mais holística, significativa e alinhada com os desafios contemporâneos. A oficina se configurou como um laboratório vivo onde a teoria e a prática se encontraram e se retroalimentaram, resultando em um aprendizado profundo e duradouro.

3 METODOLOGIA

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (2001), se aprofunda no mundo dos significados das ações e relações humanas. Caracteriza-se metodologicamente como um relato de experiência e uma pesquisa-ação, tipos de pesquisa que permitem a análise de uma prática e a intervenção nela de forma cooperativa (Gil, 2008). A vivência ocorreu com um grupo de vinte e cinco alunos dos anos iniciais do ensino fundamental na Escola Estadual Rotary, uma instituição de ensino público localizada na cidade de Maceió, em Alagoas. A escolha da instituição se deu pela sua localização e pela oportunidade de atuação dos bolsistas do PIBID, um programa que visa o fortalecimento da formação de professores e a integração entre universidade e escola, proporcionando aos futuros docentes uma imersão na realidade do ensino básico. A atuação na escola permitiu aos bolsistas vivenciarem, na prática, os desafios e as oportunidades da educação pública, aplicando conhecimentos teóricos em um contexto real e contribuindo para a sua própria formação enquanto profissionais da educação. Para materializar essa vivência e articular os objetivos da pesquisa com a prática docente, foi planejada e executada uma oficina pedagógica.

A prática consistiu na confecção de porta-lápis utilizando materiais recicláveis, como rolos de papelão, tampas plásticas, sobras de papel, cola e tinta. O planejamento e o desenvolvimento da oficina foram guiados por uma abordagem de pesquisa colaborativa, que se baseia na aproximação entre os pesquisadores universitários e os professores práticos para a



produção de conhecimento, conforme conceitua Desgagné (2007). Essa abordagem orientou a estrutura da oficina, que, por sua vez, valorizou a aprendizagem pela experimentação e a interação entre os participantes. A oficina foi dividida em etapas, garantindo que as crianças pudessem participar ativamente de todo o processo criativo. Dentre os elementos dessa estrutura, a aplicação da metodologia colaborativa na dinâmica entre os alunos merece destaque.

A implementação da metodologia colaborativa na oficina foi um dos pilares do projeto. A divisão dos alunos em pequenos grupos não foi apenas uma medida de organização, mas uma estratégia pedagógica para estimular a interdependência e a troca de conhecimentos. A interação entre as crianças, mediada pelos bolsistas, permitiu que elas compartilhassem suas descobertas, superassem desafios e construíssem o conhecimento de forma coletiva. A figura do bolsista atuou como um facilitador do processo, intervindo quando necessário para garantir a segurança no uso das ferramentas, mas principalmente para incentivar a autonomia e o protagonismo dos alunos na resolução dos problemas.

Para colocar em prática essa abordagem, os procedimentos da oficina foram os seguintes:

3.1 PLANEJAMENTO

O planejamento da oficina refletiu a própria natureza colaborativa do PIBID. Em reuniões de trabalho, os bolsistas construíram coletivamente o plano de ação, definindo desde os objetivos e materiais até as etapas da atividade, sempre visando uma abordagem lúdica e educativa. O plano de aula resultante serviu como um guia operacional, detalhando a previsão de tempo, a divisão de responsabilidades entre os futuros docentes e as estratégias de mediação que seriam empregadas para apoiar o aprendizado e a autonomia dos alunos.

3.2 EXECUÇÃO E MEDIAÇÃO

Durante a execução, a estratégia colaborativa foi posta em prática com a divisão dos alunos em pequenos grupos, cada um recebendo um conjunto de materiais para a atividade. O desafio inicial concentrou-se no desenvolvimento da coordenação motora fina, exigindo que as crianças manuseassem tesouras para cortar os rolos de papelão. Nesta etapa, a mediação



dos bolsistas foi crucial, operando diretamente na Zona de Desenvolvimento Proximal dos alunos. Eles intervieram para assegurar a segurança e a precisão no uso das ferramentas, ao mesmo tempo em que ofereciam suporte verbal e encorajamento, incentivando a autonomia e a superação dos desafios.

3.3 ARTE, DECORAÇÃO E CRIATIVIDADE

A fase de decoração foi o ponto central onde a sustentabilidade e a criatividade se encontraram. Com tintas, retalhos de papel e outros materiais à disposição, as crianças tiveram a oportunidade de ressignificar os objetos recicláveis, transformando-os em criações únicas. Mais do que um exercício de arte, esta etapa foi um convite à autoexpressão, onde cada escolha de cor e cada padrão desenhado refletia a individualidade e as ideias dos pequenos artistas, consolidando a apropriação afetiva do objeto que eles mesmos produziram.

3.4 MONTAGEM FINAL E REFLEXÃO

A fase final da oficina foi desenhada como o grande fechamento da experiência, onde o fazer e o pensar se uniram. Com a colagem das tampinhas plásticas, as crianças não apenas finalizaram seus objetos, mas consolidaram um ciclo de aprendizado. A roda de conversa que se seguiu foi o ápice desse processo, um espaço para que a vivência de transformar o "lixo" em

um objeto útil se convertesse em uma reflexão consciente sobre a importância da sustentabilidade, permitindo que as crianças expressassem e organizassem suas novas ideias.

Para avaliar o alcance desses objetivos e compreender a dinâmica da oficina em profundidade, a coleta e a análise dos dados foram realizadas por meio da observação participante (Gil, 2008). Essa abordagem metodológica permitiu que os bolsistas se inserissem no contexto da atividade, não apenas como mediadores, mas também como observadores atentos dos processos intersubjetivos e das práticas em desenvolvimento. Os principais instrumentos de coleta foram as anotações em diário de campo, que visavam capturar as falas significativas, as interações colaborativas e as dificuldades e avanços no manuseio das ferramentas, e o registro fotográfico, utilizado para documentar as etapas do processo e as

produções individuais. A análise dos dados, de natureza qualitativa e interpretativa, focou em identificar as evidências do desenvolvimento da coordenação motora fina e os discursos das crianças que indicassem uma reflexão sobre sustentabilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina com materiais recicláveis demonstrou ser uma ferramenta pedagógica eficaz, alcançando com sucesso os objetivos propostos. Os resultados observados e registrados ao longo da atividade confirmam a relevância da abordagem prática na educação infantil. A seguir, discutimos os principais achados, conectando-os ao referencial teórico que sustentou a pesquisa.

O primeiro e mais evidente resultado manifestou-se no desenvolvimento da coordenação motora fina. Foi notável o desenvolvimento das crianças ao manusear a tesoura e a cola. O ato de cortar o papelão, por exemplo, exigiu um controle motor que, para algumas crianças, era um desafio inicial. No entanto, com a repetição e a mediação dos bolsistas e colegas, a habilidade foi aprimorada de forma visível, confirmando a teoria de Le Boulch (1987) sobre a psicocinética. A oficina também proporcionou o exercício da percepção visual e da coordenação olho-mão ao decorar os porta-lápis com pequenas tampinhas e retalhos. Observouse uma grande evolução na precisão dos movimentos e na capacidade de executar tarefas complexas.

Esse progresso motor individual, no entanto, não ocorreu de forma isolada, sendo profundamente enriquecido pela dinâmica colaborativa do projeto. No aspecto da colaboração, a atividade em grupo permitiu que as crianças fortalecessem os vínculos e interagissem de maneira colaborativa, o que se alinha à teoria de Vygotsky (2007). As crianças mais experientes ajudaram os colegas com dificuldades, e a troca de ideias para a decoração dos objetos tornou a experiência ainda mais rica. A interação social foi um motor para a criatividade e a resolução de problemas, elementos essenciais para o aprendizado significativo.

Toda essa interação criativa e colaborativa foi ancorada pelo eixo temático central da proposta: a sustentabilidade. A oficina também gerou uma discussão sobre a preservação do

meio ambiente, pois as crianças puderam refletir sobre o tema ao transformar materiais que seriam descartados em novos objetos. Essa prática demonstrou que a educação ambiental, quando vivenciada, reforça os conceitos de sustentabilidade e conscientiza de forma mais efetiva, conforme proposto por Gadotti (2000). A pesquisa diferencia-se de estudos que focam apenas na motricidade, pois demonstra que a combinação com a educação ambiental potencializa o engajamento e a reflexão das crianças. A abordagem integrada mostrou-se mais eficaz e completa do que uma atividade que se limitasse a um único objetivo pedagógico.

Como consequência dessa abordagem completa e eficaz, a análise dos resultados revelou que o projeto superou as expectativas iniciais. A motivação e o engajamento das crianças na atividade foram notáveis, evidenciando que a ludicidade e a contextualização do aprendizado são elementos-chave para o sucesso pedagógico. A transformação dos resíduos em objetos úteis gerou um sentimento de realização e de valorização do próprio trabalho, o que é fundamental para a construção da autoestima infantil. Além disso, a oficina serviu como um catalisador para discussões mais amplas sobre o consumo, a importância da reciclagem na escola e em casa, e o papel de cada indivíduo na preservação do planeta.

A materialização desse engajamento e sentimento de realização pode ser observada nas figuras abaixo, que mostram a jornada dos materiais recicláveis até se tornarem os bonecos criados pelos alunos (Figuras 1, 2 e 3).

Figura 1



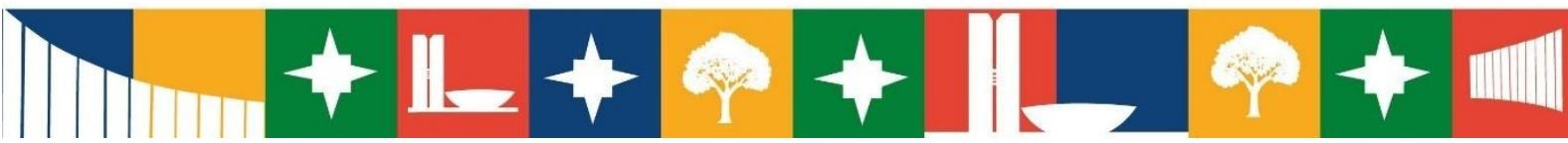
Figura 2



Figura 3



Fonte: os próprios pesquisadores.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa reitera o alto potencial pedagógico de práticas que integram o desenvolvimento psicomotor à educação para a sustentabilidade. A oficina demonstrou ser um valioso espaço para a consolidação da práxis pedagógica dos bolsistas do PIBID, que articularam teoria e prática ao vivenciar os desafios e as recompensas do chão da escola. Para as crianças, a experiência foi além da aprendizagem de habilidades, constituindo-se como um ato de protagonismo onde o lúdico e o criativo deram um novo significado a materiais que seriam descartados.

Conclui-se, portanto, que atividades simples e de baixo custo podem gerar um impacto multifacetado, promovendo desde a precisão motora até a reflexão crítica sobre o consumo. Diante disso, abre-se um leque de possibilidades para investigações futuras. Sugere-se a replicação de oficinas semelhantes para mapear sua adaptabilidade a diferentes contextos socioeducativos e analisar a perenidade dos aprendizados sobre sustentabilidade. Tais estudos seriam fundamentais para consolidar abordagens integradoras como ferramentas essenciais para a formação integral dos alunos.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado de um esforço coletivo e, por isso, a gratidão a todos que contribuíram para sua realização. Em especial, agradecemos à Professora Simone Varela, Coordenadora de Área- PIBID do Projeto “Pedagogia” do curso de Licenciatura em Pedagogia, modalidade EAD do Ifal Campus - Maceió, por seu apoio constante e por orientar na condução deste projeto. Nossa reconhecimento se estende à banca avaliadora do X ENALIX, por suas valiosas contribuições e análises. Agradecemos também à Escola Estadual Rotary, ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por fomentarem e tornarem essa experiência possível e significativa.

REFERÊNCIAS

CANDAU, V.; LELIS, I. A. A relação teoria-prática na formação do professor. **Revista Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, v. 55, p. 12-18, nov./dez. 1986.

DESGAGNÉ, S. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 36, p. 481-492, set./dez. 2007.

DEWEY, J. **Democracia e educação**: uma introdução à filosofia da educação. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LE BOULCH, J. **Educação psicomotora**: a psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.